

## RETOMAR O PRIMEIRO AMOR

A conferência de Puebla e sua herança para a Igreja, hoje

Marcelo Barros\*

**Resumo:** No momento atual que atravessa o Brasil, é importante que a Igreja Católica e outras Igrejas cristãs comprometidas com a realidade brasileira retomem a memória da 3ª Conferência do episcopado latino-americano e caribenho, em Puebla de los Angeles no México, ocorrida em 1979. Celebrar os 40 anos da Conferência de Puebla pode ser boa ocasião para reavivar a herança atual que Puebla nos deixou e, assim, continuarmos fieis a esse caminho, iniciado em Medellín (1968) e, de certa forma, continuado em Puebla; caminho que, hoje, precisa ser lembrado e retomado.

**Palavras-chave:** Puebla 40 anos, retornar ao primeiro amor, comunhão, participação.

### Introdução

Em um artigo sobre o Concílio Vaticano II, Aloysius Pieris, teólogo do Sri Lanka, contou que, durante o Concílio, estudava teologia em Nápoles. Um dia, a sua universidade recebeu a visita de Karl Rahner, teólogo e perito no Concílio. Em um encontro entre o teólogo alemão e os estudantes, esses lhe perguntaram como melhor poderiam estudar o Concílio. Rahner lhes deu o conselho: “Não se prendam aos documentos. Busquem o espírito do Concílio”. O importante seria não ver o Concílio como produto final de um processo, mas, ao contrário, como processo em si mesmo. Conclui Aloysius Pieris: “A nossa tarefa deveria consistir em avançar para diante, a partir do lugar em que o Concílio nos colocou”<sup>1</sup>.

\* Marcelo Barros, monge beneditino e biblista, é membro da Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (ASETT). Autor de 56 livros em diversos idiomas, assessora as comunidades eclesiais de base, o Movimento de Trabalhadores Sem Terra (MST) e outros movimentos sociais.

1 Aloysius PIERIS. EL Vaticano II, un Concilio generador de crisis: con una agenda no escrita. In.: *Revista Latinoamericana de Teología*, 67, p.31.

Sem dúvida, esse mesmo critério deve nos guiar nesse momento em que recordamos os 40 anos da 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Puebla de los Angeles (México), assim como no ano passado, lembramos o cinquentenário de Medellín (1968).

Queremos retomar o acontecimento e os textos de Puebla com o intuito de, a partir deles, redescobrir o espírito de renovação que o Espírito suscitou na Igreja daqueles anos. Assim, nesses dias que vivemos, poderemos melhor “correr com perseverança na competição que nos é proposta, com os olhos fixos em Jesus, que vai à frente da nossa fé e a leva à perfeição” (Hb 12,1-2).

## 1 O contexto social e eclesial de Puebla

Quando pensamos nessas grandes conferências do episcopado latino-americano e caribenho, é sempre bom perceber que elas contêm três dimensões importantes que marcaram e marcam até hoje a Igreja:

1º - *o acontecimento em si mesmo*. (O continente é tão amplo e a realidade tão diversificada que o próprio fato de um encontro de bispos, teólogos e assessores/as de todos os países latino-americano e caribenho já é um evento importante e marcante).

2º - *os documentos e declarações que a conferência produz*. (Os textos que recebemos de cada um desses grandes encontros episcopais que são verdadeiros sínodos da nossa Igreja regional).

3º - aquilo que a tradição teológica chama de “*receptio*”, ou seja, o modo como a conferência e os seus documentos foram recebidos pelas Igrejas locais.

Entre todas as pessoas que estudam as conferências de Medellín e Puebla, todos estão de acordo que Medellín foi um evento extraordinário. A conferência, em si mesma e até

independentemente dos seus documentos, se constituiu como algo excepcional. Vários autores chegam a dizer que Medellín foi um verdadeiro Pentecostes para a Igreja Latino-americana. Tanto por seu clima profundamente ecumênico, como pelo ambiente fraterno e de diálogo que ali se criou, mesmo em meio a algumas tensões naturais, se pode afirmar que a conferência de Medellín foi maior e mais importante do que o seu documento de conclusões. Como salienta José Oscar Beozzo:

Em Medellín, pela mecânica de trabalho adotada, trabalharam lado a lado, nas 16 comissões e subcomissões, bispos, peritos, sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos e leigas, além dos observadores não católicos, participando todos ativamente da elaboração dos textos. Simbolicamente, toda a Igreja estava ali implicada, na busca dos caminhos para melhor servir ao povo latino-americano, no sentido de sua redenção e libertação<sup>2</sup>.

Em Medellín, ainda não existia a Teologia da Libertação, as comunidades eclesiais de base apenas começavam e a Igreja ainda vivia a euforia dos tempos imediatos do pós-concílio. Dez anos depois já não era assim. Em Puebla, a Igreja latino-americana vivia um momento social e eclesial muito diferente. Puebla ocorreu poucos meses depois da eleição do papa João Paulo II. O entusiasmo do pós-concílio tinha se enfraquecido. O contexto eclesial era mais fechado. O novo papa vinha da Polônia anticomunista e o risco era ver o mundo inteiro a partir da realidade polonesa. Na América Latina, desde 1972, a Cúria Romana tinha conseguido interferir no CELAM (Conferência Episcopal Latino-americana) e colocar na presidência do órgão Alfonso Lopes Trujillo, arcebispo auxiliar de Medellín, homem ultraconservador. O padre José Comblin esteve presente em Puebla, fora da conferência, como assessor de alguns bispos.

---

2 José Oscar BEOZZO. Perspectivas para o Ecumenismo de Medellín a Santo Domingos, *Vida pastoral*, maio-jun. 1993, p 25.

Conforme o seu testemunho, a presidência do CELAM parecia convencida de que o Comunismo internacional queria tomar conta da Igreja e fazia isso através da Teologia da Libertação e dos bispos mais abertos. Por isso, se criou um verdadeiro clima de guerra na preparação e na organização da conferência de Puebla<sup>3</sup>. Foi um milagre que bispos mais abertos puderam dar o tom do documento em Puebla e salvar a herança de Medellín que estava sob risco. Começavam os tempos que o padre Libânio chamava de *volta à grande disciplina*. Roma e muitos bispos locais tentavam fazer a Igreja voltar à época da Cristandade e insistiam na centralização romana e no cumprimento exato do Direito Canônico (Libânio, 1984). Por isso, podemos concluir que os documentos de conclusão de Puebla tenham se tornado mais importantes do que a própria conferência em si.

## 2 Um olhar de conjunto sobre os Documentos de Puebla

O tema geral da Conferência de Puebla foi “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”. O documento de conclusões segue o método latino-americano do Ver, Julgar e Agir. A primeira parte tem como título: “Visão Pastoral da Realidade Latino-americana” e se desenvolve em quatro capítulos: no primeiro se apresenta uma visão histórica da evangelização na A.L. O capítulo 2 apresenta uma visão pastoral do contexto sociocultural. O 3º capítulo tem como título: “Realidade pastoral da A.L., hoje”. O capítulo 4 trata de “Tendências atuais e evangelização no futuro”.

A segunda parte, que poderia ser considerada como correspondente ao Julgar, tem como título: “Desígnio de Deus sobre a realidade da América Latina”. Contém dois capítulos. No primeiro, fala do conteúdo da evangelização. O segundo trata sobre “O que é evangelizar?”

3 Puebla de los Angeles. *Vida pastoral*, jul/ago. 2006, p.9.

A terceira parte tem o título “A evangelização na Igreja da América Latina. Comunhão e Participação”. E está organizada em quatro capítulos: 1: Centros de comunhão e participação. 2: Agentes de comunhão e participação. 3: Meios de comunicação e participação. 4: O diálogo para a comunhão e participação.

Finalmente, a quarta parte trata da: “Igreja Missionária a serviço da evangelização na América Latina”. Tem também quatro capítulos: 1: Opção preferencial pelos pobres. 2: Opção preferencial pelos jovens. 3: Ação da Igreja junto aos construtores da sociedade pluralista na A.L. 4: Ação em prol da pessoa na sociedade nacional e internacional.

O olhar sobre o conjunto do documento dá a impressão de um texto imenso e denso. É claro que foi redigido a partir de muitas concessões e acordos para conseguir ser aprovado, por um conjunto de bispos heterogêneo e, sob o ponto de vista ideológico, bastante dividido.

Na primeira parte, ao tratar da história, o texto reconhece que na história da evangelização houve luzes e sombras e alude ao “aguilhão das contradições e dilacerações dos tempos da colonização e no meio de um agigantado processo de dominações e culturas ainda não encerrado” (n.6). No entanto, fala disso como se a Igreja em si nada tivesse a ver com isso. Ao contrário, conclui que, em meio a todas essas vicissitudes, “ela (a Igreja) respondeu com uma capacidade criadora, cujo alento sustenta viva a religiosidade popular da maioria de nossos povos” (n.6). Refere-se, então, a missionários santos e heroicos que defenderam os índios (capítulo I, n. 7 e 8). Afirma isso como se esses missionários santos que o texto cita não tivessem sido, em sua época, todos eles, marginalizados e perseguidos pelo próprio sistema eclesial.

No capítulo 2 que é a visão do contexto sociocultural, o texto de Medellín traz aquela página belíssima sobre a situação de “pobreza generalizada que, na vida real, adquire feições

concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor, que nos questiona e interpela” (n.31). É um convite para vermos o rosto de Cristo nos rostos das crianças abandonadas, dos jovens em situação de risco, nas feições de índios e dos afro-americanos segregados em situação desumana. O rosto de Cristo nos lavradores sem-terra, nos operários mal remunerados.

Além disso, chama a atenção para o fato de que “em nossos países vigora uma política que não respeita os direitos humanos fundamentais – vida, saúde, educação, moradia, trabalho. Além disso, também denuncia “os sistemas de poder ditatorial de caráter repressivo”. (n.31-42).

Nesse capítulo 2, ainda há uma alusão crítica profunda à “economia de mercado livre” que alarga ainda mais a distância entre ricos e pobres (n.47).

No capítulo 3, se fala das CEBs como experiências felizes que respondem à necessidade da Igreja e se lamenta que, em alguns lugares, elas não tenham ainda recebido atenção suficiente (n.96-98).

Mais tarde, na 3ª parte, ao falar de “centros de comunhão e participação”, o documento trata da família (n. 568-616) e “das comunidades eclesiais de base, paróquia e Igreja particular”. Retoma o documento de Medellín e apoia as experiências de CEBs e dos grupos de base. É no entanto, na 4ª parte que o Documento é mais incisivo. Já no seu discurso inaugural da conferência, o cardeal Aloísio Lorscheider tinha declarado:

Tendo em conta todas as contribuições para esta III a Conferência, devemos afirmar que o mais urgente é a defesa ou a proclamação da dignidade da pessoa humana, a proclamação dos direitos fundamentais do ser humano na América Latina, à luz de Jesus Cristo<sup>4</sup>.

4 CELAM, Alocução introdutória aos trabalhos da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, p.271.

É na quarta parte do documento que o texto parece ser mais profético. Fala da “opção preferencial pelos pobres”, de modo que aprofunda o porquê dessa opção de Jesus e da Igreja. Trata da opção pelos jovens, a partir da realidade do continente latino-americano naquele contexto, um continente marcado por uma população predominantemente jovem. E aprofunda a missão da Igreja na inserção em uma sociedade pluralista e secular como desafio da época.

Alguns desses textos, como o da opção pelos pobres mantém muito de atualidade e merece ser sempre relido e meditado pelos padres e agentes de pastoral, hoje e em qualquer tempo.

### **3 Considerações teológicas e pastorais sobre o texto de Puebla**

Uma impressão primeira é que, enquanto Medellín partia da realidade e tomava como tema “a transformação social e política do continente”, Puebla se colocou mais no mundo interno da “evangelização”, embora, é claro, situada na América Latina.

Para quem conhece as tensões, na época, sofridas pelos bispos e assessores mais abertos, parece quase um milagre que o Documento de Puebla ainda conseguiu, ao menos, até certo ponto, dar continuidade a Medellín e reafirmar suas opções fundamentais. Mais de doze anos depois, em 1992, a conferência de Santo Domingo, de modo algum conseguiu isso. Puebla ainda se manteve no mesmo caminho de uma Igreja latino-americana inserida e com as opções fundamentais expressas em Medellín.

Se Medellín tinha os olhos no Concílio Vaticano II e quis ser uma aplicação e tradução do Concílio para o nosso continente, pode-se afirmar que Puebla tentou, na América Latina, aplicar a exortação Evangelii Nuntiandi, que, em 1975, o papa Paulo VI escreveu após o sínodo sobre evangelização. De fato, no Documento de Conclusões de Puebla, o

documento pontifício mais citado é a *Evangelii Nuntiandi*. De fato, naquele contexto eclesial dos primeiros anos do pontificado de João Paulo II, citar esse documento era ainda tentar interpretar a evangelização em um sentido mais amplo, aberto e inserido nas culturas e na realidade social do mundo.

De Puebla para cá, o tema mais recorrente na Igreja Católica tem sido *evangelização*. Os papas anteriores ao Papa Francisco propunham uma “*nova evangelização*”. Esse foi ainda o grande tema da 5ª conferência geral do episcopado em Aparecida (2007). Até hoje, repete-se incansavelmente certas expressões como “discípulos missionários”, “missão continental” e outras. No entanto, nem sempre fica claro a partir de que visão de mundo e de Igreja esses elementos são propostos.

Nesses anos mais recentes, aprendemos que sempre é possível falar da paróquia como “comunidade de comunidades” e querer uma Igreja *em saída*, sem superar a eclesiologia de Cristandade, ou seja de Igreja poderosa e autorreferente. A Igreja pode ser “em saída” para fazer a “propaganda fidei” e não sempre como serviço libertador à humanidade. O que fará a diferença é o objetivo da saída e o estilo como se sai – na linha da *kenosis* de Jesus, como Igreja pobre e servidora.

Nunca é demais insistir: a evangelização supõe sempre e permanentemente, a graça do evangelismo e da evangelicidade. Somos nós mesmos os primeiros a ter de nos converter e viver realmente o evangelho, cada um/a como pessoa, mas principalmente como jeito de ser Igreja.

O começo da evangelização é a evangelicidade da própria comunidade cristã. Puebla tem razão ao insistir: a primeira atitude a recomendar é a conversão dos fieis e dos pastores, “para poderem evangelizar os outros” (n.973). Puebla diz ainda que o ponto fundamental dessa conversão será sempre rever “nossa comunhão e participação com os pobres, humildes e pequenos”. Por isso, o texto ressalta é importante escutá-los,

acolher o mais íntimo de suas aspirações, ... para formarmos com eles um só corpo e um só espírito” (n.974).

Isso significaria que não se pode separar evangelização da inserção da Igreja no meio dos empobrecidos. Evangelizar não significa apenas doutrinar ou simplesmente anunciar uma verdade. É sim testemunhar o reino de Deus, presente no meio do mundo, a partir dos mais pobres e pequenos.

Aí temos de fazer uma crítica ao texto de Puebla:

Em Medellín, o apelo à pobreza é feito também às pessoas, mas principalmente às estruturas religiosas e à própria Igreja. Em Medellín, um documento se chamava *Pobreza da Igreja* (grifo nosso). Em Puebla, o horizonte é outro e mais restrito. O texto de Puebla faz apelo apenas às pessoas para uma maior comunhão com os pobres. Parece pensar no testemunho apenas individual e não coletivo ou institucional. Além disso, se refere aos pobres apenas como indivíduos e não como categoria social. Talvez por isso, o texto se detenha mais no testemunho como atitude moral, despojamento pessoal e não como um novo modo da Igreja ser. Puebla insiste que a comunhão com os pobres tem como meta “vencer os egoísmos e o apego às riquezas” (n.966).

Vamos ser sinceros: se essa fosse a meta principal da comunhão com os pobres, significaria que se deveria fazer justiça aos pobres porque os cristãos de classe média que seguem esse caminho ganham espiritualmente com isso. Puebla insiste na comunhão com os pobres, para que as pessoas da Igreja (que se subtende: ainda não seriam os próprios pobres) alcancem a vitória sobre os egoísmos e o apego às riquezas. Assim, o texto ressalta mais a opção pelos pobres como caminho de santificação das pessoas ricas ou de classe média, do que como questão de verdade e justiça.

Ao fazer essa crítica, não quero diminuir o valor do texto de Puebla. Menos ainda desmerecer o caminho ascético dos

religiosos que buscam uma vida de sobriedade e simplicidade evangélicas. Apenas se trata de sublinhar com clareza qual é a perspectiva e o horizonte do nosso testemunho: Se Deus é Deus e a Igreja é sinal do seu reinado no mundo, a opção da Igreja deve ser estar aberta a todos e acolher a todos, mas a partir dos pobres e junto com os pobres, antes de tudo, para manifestar a justiça divina e libertar todos/as os/as que têm que ser libertados/as.

### **Conclusão dessa primeira parte**

O texto de Puebla representa um avanço em relação a um modelo de Igreja Cristandade, pouco sensível ao apelo evangélico à simplicidade e à pobreza. Também revela uma eclesiologia mais avançada do que o mundo fechado dos que ainda insistem em manter uma Igreja autocentrada e autorreferente. E representa um passo à frente em relação ao espiritualismo barroco e superficial, ainda vigente em uma ou outra rede de televisão dita católicas e nos shows de alguns ministros pop-stars. Apenas, temos de reconhecer: o horizonte do texto é decorrente do tempo em que ele foi escrito. Não é mau ou errado. É incompleto e, nesse sentido, redutivo. Isso aparece claramente quando o texto propõe uma permanente autocrítica, “para nos despojarmos de qualquer atitude que não seja evangélica e desfigure a fisionomia de Cristo” (972).

### **4 Um olhar sobre o texto a partir de uma Eclesiologia de base**

No nosso continente, desde antes da conferência de Puebla e até hoje, irmãos e irmãs procuram olhar a História a partir dos pobres, ou a partir do seu reverso. Desde o final dos anos 60, essa foi a opção dos irmãos e irmãs que constituíram a Comissão para o Estudo da História das Igrejas na América Latina e Cariba (CEHILA). Do mesmo modo, precisamos retomar a

Eclesiogênese de uma Igreja que nasce da fé do povo<sup>5</sup>.

Na Igreja Católica, poucas pessoas mantêm uma visão de Igreja baseada na eclesiologia da Igreja local, que, nos tempos do Concílio Vaticano II, era uma verdadeira mística e um caminho teológico novo. O Concílio não pôde aprofundar essa teologia, nem concretizá-la em consequências pastorais e jurídicas. Em Medellín, embora os textos não fossem explícitos, essa visão da Igreja conciliar ainda era subjacente. Em Puebla, quase não há mais indício dela. A Igreja é sempre a Igreja Universal. Muitas vezes, o termo parece designar o Magistério e especificamente o Magistério romano. E o episcopado.

Na maioria dos textos do documento de Puebla, ainda se percebe uma visão de Igreja que se confunde com o reino (projeto) do Pai. É verdade que o texto afirma claramente: A mensagem de Jesus tem como centro a proclamação do Reino, que nele mesmo se torna presente e chega até nós. Este Reino, sem ser uma realidade separável da Igreja<sup>6</sup> (LG 8 a) transcende seus limites visíveis<sup>7</sup> (n. 326). No entanto, a sensibilidade dos bispos, expressa em muitas afirmações, se revelava em outro sentido. Por isso, a visão de evangelização, contida no texto de Puebla, ainda se revela eclesiocêntrica e, às vezes, autorreferente. Puebla reafirma claramente a opção pelos pobres. No entanto, desde Medellín sabemos que, por trás dos adjetivos (opção preferencial e não excludente) está a dificuldade de grande setor do episcopado em aceitar o que o papa João XXIII e muitos dos nossos padres da Igreja latino-americana chamaram de *Igreja dos Pobres*.

5 Cfe. Leonardo BOFF, *E a Igreja se fez povo, Eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo*.

6 LG 8ª.

7 LG 326.

## 5 A partir de Puebla, o que o Espírito diz, hoje, às Igrejas

Atualmente, no Brasil e em outros países da América Latina, a maioria dos padres e das comunidades católicas parece dominada pela influência de movimentos leigos de elite, promovidos pelos dois predecessores do papa Francisco. Tanto o ambiente das paróquias, o estilo das celebrações, o tipo de pastoral, os temas que ocupam as chamadas televisões católicas, até o ambiente de alguns Institutos Teológicos, tudo se restringe a um tipo de espiritualidade pietista, baseada em devoções, com uma cultura bíblica e teológica muito superficial e de estilo predominantemente barroco roncocó. Um retrato medíocre e pastoso do que seria um Catolicismo de tipo Cristandade em um contexto de mundo que não é mais o mesmo dos tempos da Cristandade. Dá pena de se ver.

Nesse contexto de Catolicismo, vivido e proposto por padres artistas e, infelizmente por muitas dioceses e congregações religiosas, é claro que a profecia de Medellín com seu conteúdo de Cristianismo de Libertação não seria digerível. Talvez, a memória de Puebla e o seu documento possam ser um instrumento para voltar a se pescar em águas um pouco mais profundas.

Como consequência normal desse estado de coisas, nas eleições presidenciais e estaduais de 2018, o posicionamento dessa maioria católica não podia ser diferente. Votou na extrema-direita, apoiada em um Cristo-facismo, que vota em qualquer assassino, contanto que ele se pronuncie contra o aborto e a união gay. E a pergunta natural que alguém pode fazer é qual, nesse contexto, tem sido o papel e a missão dos Institutos de Teologia.

No entanto, é bom deixar claro: não são apenas os institutos de teologia que estão em questão. É o próprio Deus que está no banco dos réus, com o seu nome enxovalhado e caricaturado da forma mais grotesca e em nome das piores causas do mundo. Já

nos anos 60, Dom Helder Camara sofria ao pensar que os países que mais exploram os outros e são responsáveis pelo colonialismo e pela opressão são justamente aqueles que se dizem cristãos. Em 1988, conforme conta o padre José Comblin, ele era amigo de Monsenhor Leónidas Proaño, bispo de Riobamba no Equador, bispo dos índios e um dos profetas da conferência de Puebla. O bispo estava em seu leito de morte e o padre Comblin viu que ele chorava. Aproximou-se do leito e o viu exclamar: *Meu Deus, a minha Igreja é a principal culpada pelo massacre e por tantos sofrimentos vividos pelos índios* (grifo nosso).

Hoje, há contra Deus um processo simbólico, refletido no modelo de uma sociedade que faz do mercado um absoluto acima da vida humana e da sustentabilidade do planeta. Nos primeiros séculos, os cristãos se colocaram contra a religião imperial que legitimava o poder absoluto do imperador romano. Agora, precisamos ser fieis ao testemunho de um Deus Amor e defensor da vida, afirmando que, como disse o papa Francisco no seu 2º encontro com os representantes dos movimentos sociais: “*esse sistema mata*”. Atualmente, essa atitude clara e radicalmente contra o sistema que mata é o testemunho mais urgente que a Igreja precisa dar ao mundo.

Para isso é urgente que bispos e padres deem o testemunho contrário do mundo oficial. Aqui na América Latina, uma atitude concreta desse testemunho contrário ao mundo atual seria colocar-se solidários às culturas oprimidas. O testemunho que se espera de bispos, pastores e padres é que não se fechem ao diálogo com o diferente e a convivência com o dissenso<sup>8</sup>.

É preciso retomar a missão da Igreja como compromisso social e político. Isso significa que o testemunho da fé cristã e da espiritualidade tem de ser vivido a partir das estruturas sociais e políticas da sociedade. Para isso, temos de completar o texto de

8 Gerald ARBUCKLE, *Refundar la Iglesia, disidencia y liderazgo*, p.21-22.

realidade: a vida dos irmãos e irmãs, mártires da caminhada do reino de Deus. Quando olhamos para esses 40 anos de história, não podemos deixar de olhar e venerar o sangue de muita gente, muito sangue e muita dor. Dor demais para que esqueçamos e nos contentemos com a mediocridade de um Cristianismo que como Dietrich Bonhoeffer chamava nos tempos duros do Nazismo é “a fé da graça barata”. Ela não pode nos contentar. Temos de retomar o discipulado de Jesus no testemunho do reino aqui no mundo e para viver “a graça que custa caro, porque custou o sangue do mártir Jesus”<sup>11</sup>.

## Referências bibliográficas

### Documentos da Igreja:

Documentos do CELAM, Rio – Medellín – Puebla – *Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004.

PAPA FRANCESCO, *Lettera del santo padre Francesco al popolo di Dio*, 20 agosto 2018, in w2.vatican.va.

PAPA PAULO VI. Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1975.

### Outros livros e Artigos:

ARBUCKLE, Gerald. *Refundar la Iglesia, disidencia y liderazgo*, Santander. Ed. Sal Terrae, 1998.

BEOZZO, José Oscar. Perspectivas para o Ecumenismo de Medellín a Santo Domingos, *Vida pastoral*, maio/jun., p.25-28, 1993.

BONHOEFFER, Dietrich. *O discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo, Ecclesio gênese: a Igreja que nasce da fé do povo*, Petrópolis: Vozes, 1986.

CASALDÁLIGA, D. Pedro. *Creio na justiça e na esperança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COMBLIN, José. Puebla de los Angeles. *Vida Pastoral*, jul/ago. 2006, p.9.

CODINA, Victor. *Para comprender la Ecclesio logía desde la América Latina, Cochabamba*. Ed. Verbo Divino, 2013.

11 Dietrich BONHOEFFER, *O discipulado*, p.16.

COMBLIN, José. Puebla de los Angeles, in *Vida pastoral*, jul/ago, 2006, p.9-13.

GRILLO, Andrea. O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja, hoje. Avanços e impasses da “parresia eclesial. São Leopoldo, Unisinos, IHU, *Cadernos de Teologia pública*, 2018, n.138, p.3.

LIBÂNIO, João Batista, *A volta à grande disciplina*, São Paulo: Loyola, 1984.

MOLTMANN, J. *La Iglesia, fuerza del Espíritu*. Salamanca, 1978.

PIERIS, Aloysius, EL Vaticano II, un Concilio generador de crisis: con una agenda no escrita. *Revista Latinoamericana de Teología*, 67, enero-abril, 2006.